



PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Redacção e administração

PADRE BENEVENTO DE SOUZA

Outeiro—Torres Novas

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Assignantes ordinarios (por anno) 300

Assignantes protectores " 500

Numero avulso 10 reis

EDITOR RESPONSÁVEL

ANTÓNIO PACHECO

Typographia de José F. da Fonseca

Rua da Picaria, 14

Na liça

Sem rodolos e em duas palavras

MPUNHAMOS hoje a penna, saímos a estacada e tomamos esta posição porque o espectáculo que estava dando o jornalismo pornographico — verdadeira invenção do inferno — nos revoltava, causava nojo.

Que de males tem feito ha vinte e sete annos! São incalculaveis.

A caricatura, os recursos da photographia e das côres, nas suas mãos tem sido e é uma arma terrivel, para fazer perder o fructo das lições de honra e moralidade que a nova geração recebeu no lar domestico, na escola, na igreja; tem arastado centenas de espiritos á loucura dos prazeres, á pratica de muitas torpezas.

Ficarmos mais tempo de braços cruzados deante d'esta depravação moral de que já se fazia alarde na rua, era um crime. Urgia oppor-lhe um remedio, offerecer-lhe resistencia. Vem fazer-o *O Petardo*.

E' empresa difficil, que demanda muitos recursos, muitos sacrificios, muitas dedicacões, muito desassombro, muito heroismo; é, sem duvida, mas se lhe pomos hombros é porque confiamos na protecção do alto, e esperamos o apoio dos catholicos. Com as mesmas armas — *Fas est ab hoste doceri* — *O Petardo*, em todo o tempo da sua vida, ha de trabalhar para introduzir, nesta atmosfera corrupta e pezada, o puro oxigenio da virtude; para triumphar de tanta derversidade, audacia e ignominia.

Este é o seu programma, e para o cumprir cabalmente tem, no corpo da redacção, homens a quem a Religião e a Patria já muito devem; conta com distinctos artistas, que, pelas suas obras, se podem considerar verdadeiros mestres, se não genios.

Posto isto, corramos para o campo, iniciemos a guerra a todos os corruptores das nossas familias e da sociedade: *Deus o quer!*

A redacção.

Prefaciando

São sempre bem vindos a alistar-se nas fileiras do jornalismo, que ensina, que corrige e que alenta, soldados que trazem uma guia tão limpa e tão honrosa como *O Petardo*.

N'estes tempos em que se proclama o egoismo como norma de vida, o suicidio como um acto d'heroismo e a anarchia como systema, é preciso que appareça, bem disciplinado e bem aprestado para a lucta, quem proteste contra estes desvarios de uma epoca com razào doentia, e proclame bem alto que o egoismo é um vicio terrivel, o suicidio uma cobardia infame e a anarchia o desmoronamento social.

E aquellas doutrinas deleterias, que se propagam por um jornalismo inconsciente e assalariado, em artigos apparentemente sérios, em caricaturas hilariantes e em aneddotas evidentemente jocosas, devem ser combatidas com armas de tempera igual — no artigo sério, na caricatura inoffensiva e na aneddota edificante.

E' este o posto de honra, que na imprensa jornalística d'este paiz vem occupar *O Petardo*.

Em boa hora venha; boa estrella o norteie n'esta lucta, em que está empenhada a santidade da nossa divina Religião e a honra e as gloriosas tradições da nossa querida patria, a moedada de couro como se ella fôr roupa de francezes ou joguete de filhos desnaturalados e de seitas sem escrupulos e baldas de consciencia recta e segura.

Pela minha parte adhiro ao programma de *O Petardo*; aqui tomo o meu posto para lhe offerecer no combate os meios, de que disponho.

Está já enferrujada a minha escopeta; é das de carregar pela culatra; mas tanto dá fogo por detraz das paredes, como explude de rosto a rosto e a peito bem descoberto. Sirvo-me do pseudonymo por ser este o — *mot d'ordre* — que se insinua, e não porque me arrequeie de apparecer cara a cara, seja com quem fôr. Não começo agora; acabo, talvez.

A minha collaboração será epigraphada — *Cartas do Norte*.

Renato.

Remedio radical

Ao caricaturista «Duble-Zero»

Tenho-te no pensamento,  
Duble-zero, bom amigo,  
Desde o primeiro momento  
Que em dose encantamento  
Conversa tive contigo.

Os dentes — pobre rapaz! —  
Faziam o teu desespero.  
Receste-te a sua raz  
Como panarã capaz  
De te pôr são como um pero.

Disseste, mal humorado,  
Que era de miui mau pensar  
Rir assim d'um desgraçado  
Que andava de rosto inchado  
Seus peccados a penar.

Que outro remedio havia  
Te disse eu, para o teu mal:  
Era beber todo o dia  
Uma cheia almotolia  
De sanguiño de pardal.

Não quizeste o meu conselho  
Com todo o rigor seguir.  
Agora andas como um velho  
Galleiro a ver ao espelho  
A dentura, que esta a cair.

Como teu amigo sou,  
Em vez de forte desanda,  
Outro remedio te dou  
Que meu pae te recitou:  
— Unta a com... sebo d'Hollanda.

Gracye.

A locomotiva e o telegrapho

(FABULA)

Pón... pón... Pi... Piu...  
Chaca, chaca... chaca, chaca...  
chaca, chaca... A locomotiva mais  
utana que militar garboso, deixava  
escapar denso pennacho de fumo, como se agitasse amplo lenço em signal de despedida.

— Quem como eu? — dizia para os seus botões (se é que os tem). Sou mais que Alexandre, que Cesar e que Napoleão... Sou mais que todos os conquistadores do mundo... Para mim não ha confins... Nas minhas entranhas levo riquezas sem conto, de mim se serve o mais alto personagem se não quer caminhar em humilde jerico... Oh! como devo estar orgulhosa... Monstro me têm chamado; mas monstro que synthetisa todos os adaeantamentos d'este seculo... Não ha que ver: ninguém me excede!... Pón... pón...

Pi... piu... Chaca, chaca... chaca, chaca... chaca, chaca...

Adeus, ó Fantoche! *Huu... huu... huu... huuuu!*

— Quem me escarnece? perguntou mal humorada a locomotiva.

— Sou eu, bom amigo, diz o telegrapho. Como vaes tão altiva e orgulhosa? Quero dizer-te ao ouvido uma palavrinha.

— Tu, a mim? Já sabes que não quero nada contigo. Que podes tu, na tua humildade, fazer-me?

— Nescio!... Que serias tu sem mim?

— Tudo. Eu sou o rei das conquistas, e te desprezo, meu parlapição.

Pensa mais; ninguém diga: *d'esta agua não beberes*... Serás tu outro D. Quichote!...

A locomotiva parou de repente, e as carruagens chocaram-se umas contra as outras.

Não houve desgraças pessoas; mas sustos não faltaram. Tinha descarrilhado.

Era mister pedir auxilio. O monstro desesperado gritava a pleno pulmão: *Pi... Pi... Piu...*

Mas nada: *vozes do deserto*... No entanto o telegrapho com seu classico zumbido: *Huu... huu... huuuu*... parecia accecar-se muito reverente da locomotiva para lhe dizer: Aqui estou ás tuas ordens, minha *orgulhosa*. Se não recusas os meus serviços, mais ligeiro que o vento communicarei a noticia á estação immediata; para que venham em teu auxilio. Mas no caso contrario, pobresinho de ti, aqui ficarás.

A locomotiva silvava, espumava por duas boccas; as suas *tripas* (os leitores desculpem-nos este termo) rugiam como uma tormenta; mas... por fim humilhou-se e cantou a palinodia, dizendo:

— Sou um estupido, telegrapho amigo! sem ti nada posso, e eu, louco, te desprezei. Perdão!

— Estás perdoado; já que o reconheces, e andas pelo mundo, approva: em toda a parte que ao *orgulhoso se humilha facilmente*.

N. P.

## Hamlet e Ophelia

Zé Quici Ano passeia, pensativo, no seu quarto da rua dos Navegantes sobraçando um livro. É o Hamlet, traducção do finado rei D. Luiz.

—Ser ou não ser, eis a questão, monologa elle mettendo um dedo n'uma das ventas. — Era muito profundo este Hamlet! Ser ou não ser é, realmente, a questão. Hoje não sou eu, é o Hint Zé. Quando serei eu, o manes de Passos? A questão é esta, não é? Outra, não é outra, não é outra!



Batem á porta.

—Dá licença, conselheiro?

Este continua absorvido nas suas profundas cogitações.

O intruso entra. Na cara, um imberbe. No corpo um mastodonte. O Zé continua a meditar. O intruso para.

Zé, monologando:

—Quam profundo é este Hamlet quando se finge idiota!

E fazendo largos gestos, grita com voz cavernosa:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!



O intruso, julgando que o Zé o viu e lhe dá conselhos:

—P'ra um convento?! O conselheiro, eu, o seu melhor amigo, p'ra um convento?!

Zé, sem o ver nem ouvir:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!

O intruso:

—P'ra um convento! E onde quer o conselheiro que eu deixe a esposa e os filhos? Parece, salvo o devido respeito, que está malu quinhou ou bacoco!

Zé continua a meditar sem dar pela visita:

—Profundissimo, profundissimo! Ser ou não ser, eis a questão!

O intruso:

—E' isso mesmo, conselheiro. Ser ou não ser é a minha questão. V. ex.<sup>a</sup> prometteu-me que eu seria ministro

na proxima situação e os jornaes dizem...

—Zé, continuando inflamado:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!

O intruso, com o rosto afogeuado, ergue iracundo os punhos, agarra o Zé pelos hombros, sacode-o e bradalle:

—P'ra um convento! P'ra um convento! Mas que diabo quer o conselheiro que eu vá fazer p'ra lá, se no convento não tenho um só ângulo depois que disse nas gazetas que os immortaes principios da santa liberdade, que v. ex.<sup>a</sup> e eu adoramos como as meninas dos nossos olhos, condemnavam o claustro em absoluto?

Zé, olhando espantado e como despertando d'um sonho:

—Ah! E's tu, Alfoim? Bem vindo sejas! Mas que estavas tu p'rahi a rosnar?

—E' que v. ex.<sup>a</sup>, meu chefe, está com a mania de me mandar p'ra um convento, e eu...

Zé, sorrindo:

—Tu és tolo, Alfoim! Não é a ti que eu mando p'ra o convento, é a Ophelia, aquella moça por quem Hamlet se apaixonou e que ensandeceu por seu pae ter sido morto por Hamlet. Ora não me parece que tu sejas Ophelia, apesar de seres desbarbado e de não teres de te queixar da beleza...

Alfoim, com uma lagrima ao canto do olho — do direito, por signal — e muito enternecido:

—Obrigado, conselheiro amigo, obrigado por essas palavras, que me tiraram um enorme peso do... estomago. Creia, meu chefe, que cheguei a imaginar que se queria ver livre de mim, mandando-me p'ra junto d'esses aborrecidos frades, que me temem dado mais que pensar, depois que appareceu o Nacionalismo, do que me deu a nomeação do enxame de notarios, nossoes correligionarios, com que brindei o paiz. Cheguei a acreditar na sua ingenuidade, conselheiro, porque v. ex.<sup>a</sup> sabe que...

—Sei, sei, tontinho, sei que tu és a melhor rez do meu rebanho. Tu és meu até á morte. Socega que, enquanto fores o meu primeiro engraxador, como tens sido, p'ra mim serás o que Ophelia era p'ra Hamlet: um cherubim casto e puro, digno de te internares num convento p'ra fugires ás vilezas do mundo; o cofre sacario de todas as minhas complacencias e beneficios. Pensa sempre em mim, filho, engraxa-me bem, que eu em ti pensarei quando a sorte fagueira me puzer na mão a melgueira da bolota.

—O intruso, julgando que o Zé o viu e lhe dá conselhos:

—P'ra um convento?! O conselheiro, eu, o seu melhor amigo, p'ra um convento?!

Zé, sem o ver nem ouvir:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!

O intruso:

—P'ra um convento! E onde quer o conselheiro que eu deixe a esposa e os filhos? Parece, salvo o devido respeito, que está malu quinhou ou bacoco!

Zé continua a meditar sem dar pela visita:

—Profundissimo, profundissimo! Ser ou não ser, eis a questão!

O intruso:

—E' isso mesmo, conselheiro. Ser ou não ser é a minha questão. V. ex.<sup>a</sup> prometteu-me que eu seria ministro

na proxima situação e os jornaes dizem...

—Zé, continuando inflamado:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!

O intruso, com o rosto afogeuado, ergue iracundo os punhos, agarra o Zé pelos hombros, sacode-o e bradalle:

—P'ra um convento! P'ra um convento! Mas que diabo quer o conselheiro que eu vá fazer p'ra lá, se no convento não tenho um só ângulo depois que disse nas gazetas que os immortaes principios da santa liberdade, que v. ex.<sup>a</sup> e eu adoramos como as meninas dos nossos olhos, condemnavam o claustro em absoluto?

Zé, olhando espantado e como despertando d'um sonho:

—Ah! E's tu, Alfoim? Bem vindo sejas! Mas que estavas tu p'rahi a rosnar?

—E' que v. ex.<sup>a</sup>, meu chefe, está com a mania de me mandar p'ra um convento, e eu...

Zé, sorrindo:

—Tu és tolo, Alfoim! Não é a ti que eu mando p'ra o convento, é a Ophelia, aquella moça por quem Hamlet se apaixonou e que ensandeceu por seu pae ter sido morto por Hamlet. Ora não me parece que tu sejas Ophelia, apesar de seres desbarbado e de não teres de te queixar da beleza...

Alfoim, com uma lagrima ao canto do olho — do direito, por signal — e muito enternecido:

—Obrigado, conselheiro amigo, obrigado por essas palavras, que me tiraram um enorme peso do... estomago. Creia, meu chefe, que cheguei a imaginar que se queria ver livre de mim, mandando-me p'ra junto d'esses aborrecidos frades, que me temem dado mais que pensar, depois que appareceu o Nacionalismo, do que me deu a nomeação do enxame de notarios, nossoes correligionarios, com que brindei o paiz. Cheguei a acreditar na sua ingenuidade, conselheiro, porque v. ex.<sup>a</sup> sabe que...

—Sei, sei, tontinho, sei que tu és a melhor rez do meu rebanho. Tu és meu até á morte. Socega que, enquanto fores o meu primeiro engraxador, como tens sido, p'ra mim serás o que Ophelia era p'ra Hamlet: um cherubim casto e puro, digno de te internares num convento p'ra fugires ás vilezas do mundo; o cofre sacario de todas as minhas complacencias e beneficios. Pensa sempre em mim, filho, engraxa-me bem, que eu em ti pensarei quando a sorte fagueira me puzer na mão a melgueira da bolota.

O intruso, julgando que o Zé o viu e lhe dá conselhos:

—P'ra um convento?! O conselheiro, eu, o seu melhor amigo, p'ra um convento?!

Zé, sem o ver nem ouvir:

—Vae p'ra um convento! Vae p'ra um convento!

O intruso:

—P'ra um convento! E onde quer o conselheiro que eu deixe a esposa e os filhos? Parece, salvo o devido respeito, que está malu quinhou ou bacoco!

Zé continua a meditar sem dar pela visita:

—Profundissimo, profundissimo! Ser ou não ser, eis a questão!

O intruso:

—E' isso mesmo, conselheiro. Ser ou não ser é a minha questão. V. ex.<sup>a</sup> prometteu-me que eu seria ministro

## Razão do nome

No mar da imprensa a furacões atreito  
Vogava o meu barquinho, sem resguardo;  
Tinha carrancas o horizonte pardo,  
Ameaçando um temporal desfeito.

Caciques gazetas, fazendo alardo  
De bruta força contra o bom direito,  
Diziam que debaixo do meu leito  
Havia d'estourar grosso petardo.

Mas não mudou de sitio a minha cama;  
A boa imprensa logra auxilio e fama,  
Corre sem metter agua o meu batal.

Eh, para me vingar da tal pirraça,  
—Eis a razão do nome— atiro a praça  
Um petardo, um petardo de papel.

Ego.

## Como elles são!

—O' compadre, então como vamos a respeito de politica? Que dizem as gazetas?

—Olhe, eu lhe digo: as folhas dizem tanta coisa que é de a gente pasmar! Eu, compadre, se fosse o governo fugia por esse mundo fóra, para onde ninguém me conhecesse, nem os bichos do matto. E preciso ter-se cara sem vergonha nenhuma para ter ainda coragem de apparecer á luz do dia! O homem d'Algés é comparado a um cão de fila, obeso e sarmento, fraldigueiro e lambareiro.

—E o outro que lá esteve da outra vez, de quem me não lembra o nome.

—Ah! o dos Navegantes?

—Isso, esse mesmo!

—E' outro que tal. E estes dois que antes eram tão rabugentos, cheios de raiva pelo mesmo bocadão, sempre impertinentes, agora amigos, comem ao mesmo tempo na mesma pia, ansiosos por devorar a ração. Apenas um d'elles, do quando em quando, levanta o focinho para ver se ao redor ha socego, ou se outros lhes disputam a lambugem. E, sempre a mastigar, dá algum latido e arregaça os dentes e mergulha outra vez o cabelludo focinho na gamella.

—E então as folhas falam d'elles assim sem elles darem cavaco? Pelos modos essa gente não tem vergonha, bem diz o compadre.

—Ora! ainda não ouviu nada, compadre. Quer saber? ora attenda, (desdobra um jornal e começa a leitura):

—Os dois são bestas de carga um do outro. Agora vai o d'Algés com os saccos ás costas, carregado de cevada e o dos Navegantes tange-o a fochinadas mostrengas. O primeiro quer atirar a carga ao chão, encosta-se ás paredes do caminho, cansado, implorando allivio ao segundo; esse impurra-o para deante, dizendo-lhe: agente!

—Crêdo, compadre! Que gente não devem ser esses homens da politica!

—Mas ouça mais, amigo e compadre, ouça mais: Estes dois homens vão no meio d'uma matilha de cachorros que lhes enכותam as moscas.

—O' compadre, nem leia mais! nem leia mais, por amor de Deus! Mas... quem é essa matilha de cachorros?

—Ora essa! não adivinhou? São os fiscaes do sello, sub-inspectores, commissarios, batoteiros, etc., etc., toda essa gente que não tinha que fazer e que os dois arregimentaram para sustentar a rapinagem indecorosa da sua situação.

—Que pouca vergonha, compadre! Se isto continúa assim...

## Um kaleidoscopio

—Não comprehendendo esta rapariga. Ella, como se diria em linguagem poetica, é uma abelha voltitando de flôr em flôr, sob os raios d'um bello sol de primavera. Fala de todos os assumptos sem se demorar n'um só. De livros, escolhe só os que lhe satisfazem a curiosidade, lhe lisonjeam a imaginação, a sensibilidade, e esses mesmos não os lê a seguir. Não a comprehendo, como já disse.

—Pois é facil. Está sendo victima de dois inimigos da sua intelligencia — a precipitação e a mobilidade de espirito, que, se não forem combatidos com tempo, podem ser-lhe muito funestos.

—Por que?

—Porque julga tudo instantaneamente, sem examina, antes do tempo, e assim se arrisca a fazer juizos superficiaes, muitas vezes falsos e injustos. Corrija este defeito de sua filha.

O Sagittario.

## Receitas infalliveis

Para não ter dividas: pagar logo de contado.

Para não ser roubado pelos creados: servir-se só com creadas.

Para não gastar em comida: comer á custa da barba longa.

Para que no correio não abram as cartas: escrever só em bilhetes postaes.

Para que o calçado não magôe os pés: andar descalço.

Para não deitar borrões na escripta: escrever com lapis.

Para que um dente não dôa nunca: tirar-o.

Para morrer bem: viver sempre bem.

Para ser bemaventurado: morrer na graça de Deus.

## O amolador

A sogra do amolador  
Deu-lhe, com bastante dôr,  
Uma saquinha de loiras  
Nem navalhas nem tesouras  
Elle agora amolar quer;

Amola só,

Sem nenhum dô,

A sogra e mais a mulher.

## Divisas

Cá a rapaziada d'O Petardo tambem tem a sua divisa, olá se tem!

Ignora-o ella; mas foi cada um apinhado em flagrante pela machina photographica.

Ahi vae o que a machina revelou:

O Sagittario. — «Foguetes, bombas, tric-traques, busca-pés, — triz, triz, truz.»

Thomé Thomaç. — «Tudo que vocês quizerem, rapazes. Por mim não mette agua o barco.»

Ego. — «Ah! se não fossem estas ferropéas que me manietam os pulsos, ia tudo pelo pó do gato!»

Renato. — «Estou velho, mas com um murro ainda mato um boi.»

Tristão Zarco. — «Estavas, linda Ignez, posta em socego, gosando as delicias do doce fructo.»

Gryce. — «Deixem-me, não sejam maçadores. Olhem que me dôem os rins!»

Zero. — «Eu cá sou assim: querer é poder. Pouco mas bom.»

Duble-zero. — «O' meu Deus, só vos peço que me deixeis morrer a ouvir o canto dos passarinhos, o susurro das fontes, o murmúrio dos pinheiros; e que afasteis para longe de mim, se fôr da vossa divina vontade, o cheirete das essencias com que as damas se perfumam.»

## Sobre um vulcão



—Deu-se ha mais d'um mez; mas que me dizes da catastrophe de Martinica?

—Um horror! Olha, o que o vulcão do monte Pelée fez á Martinica, fal-o-ha, n'outro sentido, a Portugal, a politica dos syndicateiros. Portugal está sobre um vulcão, e se não morrerem novos, veremos ir pelos ares este paiz com tudo o que lhe pertence.

O Sagittario.

## Historia contemporanea

Carta do gaulez Waldeck ao lusitano Hint-Ze

Collega e amigo.—Estimo que você, ao fazer d'esta, esteja de perfeita saúde em companhia dos seus e de quem mais deseja. Eu, Deus louvado, cá vou arrastando a azia como posso, ora melhor, ora peor, mas conformado com a sorte, porque se me não conformasse... está-se nas tintas, como vocês costumam dizer. Saberá que o Nacionalismo, que aqui appareceu como uma praga do inferno depois da questão religiosa, acaba de me fazer dar com os burrinhos em terra. Mil raios o subverta! Ri-me quando esses malditos appareceram a agitar a opinião, pois pensei que esta raça gauleza já estava livre da peste do jesuitismo; mas, quando menos o pensava, estes demonios saíram-me de cabellino na venta; desataram a pedir votos que foi uma pouca vergonha, e as mesmas mulheres, que até agora se limitavam a fazer *crochet* e a engrolar Padre-Nossos, venderam as joias, deixaram de dar reuniões profanas e mandaram dinheiro por uma pa velha aos chefes da jesuitada para as despesas das eleições.

O resultado sabe-o você pelos fios: arranjaram-me tal carrapata, que, não podendo eu contar com uma maioria solida, me vi obrigado a pedir a demissão e a entregar o pennacho ao Combes, que é cá dos nossos, pois dá habitualmente as suas beifocas no fundo das costas do Baphomet; mas tem d'estar sempre com o pé no estribo, porque não levarei muito tempo que lhe intimem mandado de despejo e lhe dêem com a taboa no sitio apropriado. Narro-lhe estas coisas, amigo Hint-Ze, para que você ponha as barbas de molho ao vér as do visinho a arder.

Desculpe não o enfiar mais, pois não quero rouba-lo ás suas altas congnemencias scientifico-politico-batoteiras.

Um chi do c.

Do seu,  
Waldeck.

Carta do lusitano Hint-Ze ao gaulez Waldeck

Amigo e ex-collega.—Estimo que você já esteja bom da diarrhea que o assaltou quando soube do resultado das eleições. Contentese commigo, que tambem por cá vou soifrendo males sem conto, mórmente depois que tive a maluqueira de me metter

com uns batoteiros d'uma linda ilha, que temos aqui perto d'este jardim á beira-mar plantado. Contos largos, que ficam para outra assentada!

Já sabia que você estava de pernas ao ar, e muito me admirou que, sendo você mais fino do que eu, deixasse que os taes Nacionalistas—(por cá tambem tenho essa praga maldita!)—lhe fizessem o ninho atraz da orelha. Você desculpe que lh'o diga com a rude franqueza d'ilheu—é uma besta em materia eleitoral. Nisso lhe levo eu as lampas—eu, o Zé Luci Ano e um macaco de rabo pellado que cá temos em casa, eterno governamental desde que chorou no parlamento, que dá pelo nome de Maria No de Chêne. Para nós, a urna não tem surpresas. Você não conhece por lá o que é uma chapellada? Pois é o que nós fazemos quando a patria está em perigo. Succede, ás vezes, que os nossos adversarios, que tambem pescam da poça, não deixam que a chapellada se faça. Então lançamos mão d'outro meio: entra a tropa na assembleia eleitoral, dá coronhada a torto e a direito, leva uns para o hospital e outros para a cadeia e... — Prompto!—Viva o nosso deputado! Vivam as eleições livres! Porque não usou você d'este processo? Bem sei: ainda não tem a cara tão estanhada como nós. Pois, amigo e ex-collega, enquanto não chegar á nossa añañaçã, você não arranja vida: ha de ser um desgraçado, sujeito sempre ás oscillações da opinião publica, que é uma porca muito desavergonhada.

Diz-me você que o Nacionalismo foi o diabo que lhe appareceu. E... duques: cá o tenho tambem, agarrado a uma perna, com a agravante de que não tenho a outra livre, porque um maldito beirão, que eu tinha mettido em casa e que commigo vivia como Deus com os anjos, apenas viu que os Nacionalistas me davam bordoadas de criar bicho, voltou-se tambem contra mim, seduziu os meus melhores linguarudos grana-deiros, e atira-se-me como Sant'Iago aos moiros, não sabendo eu se me tem feito mais chagas no corpo os Nacionalistas do que esse beirão d'uma figa, de quem você terá, por certo, ouvido falar: chama-se Giovanni Franco (não confunda com frango, que o maldito é um gallo de grandes esporões, que desapiadadamente me enterra constantemente nas ilharças.)

A você a questão religiosa felo-dar com os burrinhos em terra. A

mim, se ainda não estou com as barbas fóra da gamella, pouco falta: sustento-me por obra e graca do meu amigo e adversario Zé Luci Ano, que é passaro de bico amarello e não quer dar-me ordem de despejo enquanto eu não tiver arrancado o espinho do convenio. Foi tambem a maldita questão religiosa que me poz na espinha. Se você me não tivesse mettido nesta camisa d'onze varas, eu continuava a ser para esta gente o incorruptivel *Casaca de Ferro*; agora, e por mal dos meus peccados, sou um *Casaca de Batoteiros*, sem prestigio, combatido pelos conservadores, que em mim não confiam porque me *travesti* de jacobino; combatido pelos jacobinos, porque tive de metter as iras no bushô contra os *jesuitas*; e combatido pelo beirão, que me quer despennachar e reduzir á condicão de gallo sem caopeira.

Você foi infeliz, porque já está sem papa; mas eu não sou mais feliz, porque, enquanto puder dar bolota aos que me rodeiam, sou um santo-antoninho-onde-te-porei; mas quando ella acabar, atiram-me á cabeça como se eu me houvesse transformado n'um Pim-Pam-Pum.

Você caiu de pé e eu estou ameaçado de cair de cocoras, pontapeado pelo Zé Luci Ano, pelo Tirtre-pa-lá-que-te-racho—Franco, pelos Nacionalistas, pelos jacobinos e por todas as pessoas honestas: nem os commissarios regios me ficam para me darem uma sêde d'agua!

Aqui tem você a minha situação, amigo e ex-collega. Contemple-me e veja se ha homem mais chagado e mais digno de lastima do que eu. Dizem que tenho macaca, — o Franco chama-lhe *jettatura*—que por toda a parte me acompanha. Não sei se é macaca, se é *jettatura*, se é o diabo que os carregue: o que sei é que, se a minha situação não muda até outubro, estou disposto a entregar a gamella e a partir immediatamente para Alçês, onde tenho uma figueira brava, na qual espero enforcar-me.

Adeus. Diga ao Combes que tenha juizo, porque cá esta bola em que vivemos ainda não está tão depravada como parece. Incontestavelmente ha certo desequilibrio na dita bola; mas, de quando em vez, parece que tudo entra nos eixos. E o perigo está n'isso.

Peça a Deus por mim, porque o Diabo já me anda a fazer bichinhagata, como quem diz: «Quem te hade roer os ossos e os miolos, sou eu.»

Um abraço repenicado

Do seu,  
Hint-Ze.Pela copia,  
Gryce.

## Doenças d'alma

Ruta comprazia-se na sua propria excellencia; julgava-se superior a todas as meninas da sua idade; procurava a estima e elogios dos que a rodeavam; pronuciava-se infallivelmente sobre todas as coisas, julgava sem appello, approvava tudo o que se conformava com as suas ideias, condemnava tudo o que se lhes oppunha. Quem a lisonçasse, encontrava indulgencia e bondade; quem a ferisse, injusticia e severidade. Era o orgulho em pessoa.

Neste caminho, os sentidos perverteram-se, a consciencia *cauterizou-se*, perdeu todas as noções da verdade, e por consequencia da justiça e da virtude...

O Sagittario.

## A imaginação de Eurydice

—A minha Eurydice está-me dando cuidados.

—Por que?

—Porque olha todas as coisas sob aspectos oppostos á verdade. Toma o falso pelo verdadeiro, o que é sonho pela realidade; deixa-se guiar pelas primeiras impressões, sem olhar a provas, a indícios certos.

—Tens razão, e isso é prova d'uma imaginação viva, que se não fôr dominada, occupará o logar da razão, abafará o raciocinio e o juizo. Habitua-a a pensar, a julgar, a obrar segundo as regras da moderação e prudencia.

O Sagittario.

## Arte nova



Pelo braço da patria  
Mal seguro e perturbado,  
Seguia João Pessoa  
Com a pinga transtornado.

—!h! Jesus como tu vaes!  
Dizia a mulher em brasa;  
—Segura-te, homem, que caes  
Antes de chegar a casa.

Oh homem, tu apanhaste  
Uma de caixão á cova!...  
—Ora adeus; então sonhaste,  
Isto agora é arte nova.

Pedro Pinto Penteadado,  
Arauto da liberdade,  
Percorria entusiasmado  
As ruas d'esta cidade.

N'um furioso berreiro  
Que sotta dos pulmões,  
Atroava o mundo inteiro  
E prendia as atenções.

Eram vivas furiosos  
Em favor da liberdade,  
E morras sediciosos  
A's Irmãs de caridade.

—Viva o povo liberal!  
E morra a *jasuitada!*  
Viva o gremio social,  
Morra a gente endinheirada!

Uma mulher que passava  
Vendo aquelle espalhafato,  
Disse ao homem que gritava:  
—Oh Pedro: ahi ha gato!

Vivas e morras a um tempo  
O teu bom senso não prova!  
Responde elle n'um momento:  
—Isto agora é arte nova!...

Thomé Thomaz.

A consolidação

O engraxador para o freguez:
-Que desgraçada vida!... Se V. S.ª me arranjasse um empenho para o ministro, eu pediria-lhe um logarsinho, porque o que aqui ganho não me chega para nada.
-Arranjo, sim; sou eu mesmo. Que habilitações tens?
-E' boa essa! engraxo botas, declitro de hora a hora na taberna do Januario... toco ás vezes bombo na pelle da minha Maria, e mais coisas que agora não estou para dizer.



... Mas tu promettes votar pelo Hintze?
-Quem é esse sujeito?
-Votar com os regeneradores e progressistas?
-Com os dois? Como pode ser isso?
-Póde—mas tu d'isso não pescas nada. Votas ou não votas?
-Arranje-me V. S.ª o tal logarsinho, que eu voto com mil listas, toda a minha vida, e ainda depois de morto, se quizer.
-Está bem, Adeus!

D'ahi a dois dias no Diario do Governo o engraxador, apesar de não saber ler nem escrever, era nomeado sub inspector de instrucção primaria, com o ordenado de quinhentos mil reis por anno...

O Sagittario.

Aos Seminaristas

A rapaziada d'O Petardo, amigos seminaristas, já sabe que estaes a gosar as bemditas e sempre suspiradas ferias. Que vos façam muito bom proveito á alma e ao corpo, é o que sinceramente ella vos deseja.

Agora, porém, que andaes a desenferrujar as pernas por esses montes e valles, deve sobejar-vos um pouquinho de tempo para vos entregardes a lucubrções d'espírito.

Por que não haveis de destinar uma

hora por dia para garatujar para O Petardo?

Já sabemos o que nos direis:— não sois doitores formados na faculdade da laracha.

Bons jovens: quando entrastes para o Seminario ficastes logo approvados no terceiro anno theologico? E' dos livros que não: para lá chegardes ainda haveis de queimar muito as pestanas ou apanhar algumas raposas. Pois, jovens queridos, assim como ides adquirindo pouco a pouco a sciencia—greiro a greiro enche a gallinha o papeiro...—ireis tam-

bem—piano, piano—conquistando a borla na faculdade da laracha.

Mãos á obra, rapaziada! Dos fracos não reza a historia!

Venha de lá isso, moços! Mas, para não soffrerdes decepções, lêde primeiro o nosso artiguinho—Collaboradores. Esse pequeno naco de prosa foi tambem escripto para vós,—palavra d'honra que foi!

Eh! moços,—quem quer receber a borla da doitorice na faculdade da laracha?

E' principiar, é principiar... Que o comer, o caçar... e o garatujar nas gazetas está n'isso.

Nós.

Precauções

—Venha outra gente que nos governe.

—Pois venha; mas primeiro, como aos cafes que trabalham nas minas de diamantes de Kimberley, e que estão encarregados de separar as pedras preciosas da argilla azul, mettam-lhe as mãos em luvas sem dedos,



fechadas com cadeados. Assim poderão trabalhar, e estarão livres de commetter qualquer indecidez para com os cotres publicos.

O Sagittario.

Collaboradores

Acceitam-se, gratis pro Deo, n'O Petardo.

Exige-se-lhes:

1.º Que tenham uma pontinha de graça, porque escrevedores insulsos já temos de sobra cá por casa;

2.º Que não tenham amor ao seu rico trabalho, e por isso convem que venham com o rosto bem preparado e sufficientemente estanhado para não ficarem de beicão ao lado

desaparecer os pés de gallinha e á perfeita dentadura que ella tem o cuidado de limpar e polir todas as noites, a minha visinha, vista de longe, ainda não é para deitar ao barril do lixo. Palavra de honra que, sem desfazer, já tenho visto cousas muito peores.

Depois de viuva, a Sr.ª D. Bernarda nunca mais quiz contrair segundas nupcias. E fez ella muito bem; n'uma quem quer cae... Vivendo só com a sua creada Seraphina, mulher dos seus quarenta bem pesados, dá-se com ella como Paulo e Virginia, como Romeu e Julieta. Nem um azedume, nem uma questão, nem uma zanga vem perturbar a serena tranquillidade d'aquelle lar domestico. Os seis tostões diarios que o tenente Penetra deixou no Monte-Pio á viuva, chegam perfectamente para o sustento das duas.

Thomé Thomaz.

(Continúa)

quando os escriptos forem para o barril do lixo;

3.º Que sejam homens de paciencia á prova de bomba, não se zangando se os seus escriptos não forem publicados com a promptidão que desejam;

4.º Que tenham tenacidade, não deixando apoderar-se de desanimamento começando a lacrymejar como uma criancinha de peito se as suas primeiras tentativas forem recebidas com um redondo—não—, porque, caros e ricos senhores,—lá o diz a sabedoria das nações—quem porfia, mata caca.

5.º Que escrevam em letra bem legivel, porque não ha cá quem tenha embocadura para paleographo;

6.º Que se não espraíem em longas maçadas—como o Gryce na Historia contemporanea— porque o nosso fim não é que O Petardo sirva para narcotizar os leitores;

7.º Que assignem com pseudonymo, mas digam á rapaziada cá da casa quem são, d'onde vêm e para onde vão;

8.º Que não se limitem apenas a garatujar para O Petardo, mas façam larga propaganda d'elle, arranjando dezenas, centenas ou milhares d'assignaturas... com o respectivo molho á frente para evitar os calo...s, que são a peor doença de que pode enfermar qualquer empreza jornalística;

9.º Que consagrem meia hora, pelo menos, por dia, a afirmar aos seus amigos que O Petardo é o melhor jornal de laracha que se publica nas Europias, e que os seus escrevedores e caricaturistas são os mecos mais piadistas que o sol acoberta n'estas mais proximas 10 leguas em redondo;

10.º Que (afim de que os mandamentos sejam completos) tenham muita saude, dinheiro e graça de Deus para puderem ser uteis ao Petardo, ás suas ex... familias, á patria e á Egreja.

Nós.

O coração do avarento



Um avaro se finou,
E logo—que horrivel fim!—
O cadaver do ruim
Todo em bichos vermilhou;
S; o coração ficou
Intacto, por corromper!
Chegaram a conhecer
Os gusanos, por seu mal,
Que era duro e de metal;
Nem lhe podera morder.

Nossos correspondentes

São nossos correspondentes os seguintes cavalheiros:

Covilhã.—P.ª José da Costa e Oliveira Pinto.

Braga.—P.ª João de Barros, Colégio da Regeneração.

Povoá de Varzim.—P.ª Filippe Montenegro.

Ilha de S. Jorge.—P.ª Manoel José Alves.

Porto.—Antonio Pacheco.

Portalegre.—P.ª Francisco de Andrade Sequeira.

Seminario dos Cavalhos.—David Fernandes Coelho.

Evora.—P.ª João da Costa Lobato.

Seminario de Lamego.—Antonio Taveira de Lamego.

1 Folhetim d'O PETARDO

QUEM SEMEIA VENTOS...

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª a minha visinha e respeitavel Sr.ª D. Bernarda Penetra, viuva do tenente Penetra, morto no combate de Torres Vedras, aonde se bateu denodadamente ás ordens do conde das Antas.

Não posso dizer a V. Ex.ª a idade que tem esta dama porque nunca lhe vi a certidão do nascimento. Certo certo, é cousa que não se sabe; e se alguma pessoa mais curiosa e imprudente lhe faz a tal respeito qualquer pergunta, ella responde invariavelmente:—Já fiz trinta...

E fez; isso é que não padece duvida. Aqui para nós que estamos em familia, posso asseverar a V. Ex.ª que não estaria muito longe da verdade quem affirmasse que andam por lá uns setenta bem feitos.

Mas ninguem o hade dizer; pois



que graças aos chumaços de algodão com que ella aperfeicou as formas, ao tonico oriental com que tinge os cabellos, aos cosmeticos com que faz